ARQUITETURA E DECORAÇÃO

Desde o último quartel do século XIXe, os fiéis residentes a sul do Champ de Mars, enviados de Saint-Pierre du Gros Caillou (1823) para Saint-Jean-Baptiste de Grenelle (1877), desejam ter a sua própria igreja paroquial.
Com a lei da Separação entre Igreja e Estado de 1905, o Estado já não financia a construção ou manutenção de novas igrejas, mas as autoridades religiosas são, no entanto, mais livres nas suas escolhas. Em 1909, decidiram construir uma igreja votiva a Joana D'Arc (beatificada no mesmo ano); uma rica família piedosa oferece um terreno, anteriormente ocupado pelo Palais du Travail da Exposição Universal de 1900, um edifício efêmero demolido em 1906.

O arquitecto, escolhido por concurso em 1913 pela diocese, é **Émile Brunet** (1872-1952), arquitecto de Monumentos Históricos que já tinha trabalhado na restauração de Notre-Dame e construído, em neo-românico, a nova igreja de Coulommiers em Seine et Marne ; ele é aluno do discípulo favorito de Viollet-le-Duc, Anatole de Baudot. Construiu Saint-Jean de Montmartre, neogótica (1894-1904), Place des Abbesses, a primeira igreja da França com estrutura de concreto coberta com tijolos e cerâmica ; o concreto não é então considerado um “material nobre”: recusa do concreto puro, do “nudismo” como é dito com escárnio.

Em 1913, Émile Brunet propôs uma igreja com “esqueleto” de concreto armado revestido de tijolos, de aspecto neo-românico ; o projeto, interrompido pela guerra, foi retomado em 1923: Brunet, que trabalhou em 1919-23 na reconstrução de igrejas do Norte, substituiu o neo-românico pelo neogótico (fachada e torre sineira), finalmente pelo contemporâneo, Estilo “art déco” (Exposição Internacional de Artes Decorativas e Industriais de Paris em 1925). Será, portanto, uma Igreja que abraça com ousadia o seu tempo, as formas do seu tempo.

Além disso, vários factores levaram à substituição da vasta igreja votiva dedicada a Joana d'Arc por uma igreja paroquial dedicada ao Papa Leão Ier, o Grande (papa de 440 a 461, doutor da Igreja desde 1754). A necessidade de uma igreja foi acentuada pelo crescimento urbano (subdivisão das margens do Champ de Mars desde 1904), mas em 1924 o município impôs uma estrada à volta da igreja, o que reduziu a sua superfície ; oferta de financiamento da nave por parte da **Senhora Léon Thelier**, viúva, com o desejo de que a igreja levasse o nome da padroeira do seu marido, desejo atendido; finalmente, a morte em agosto de 1920 de **Monsenhor Léon Amette**, o cardeal arcebispo de Paris que desempenhou um papel importante na União Sagrada durante a guerra e trabalhou pela reconciliação da República Francesa com o papado (sua morte foi descrita pelo Presidente Poincaré de “ grande perda para a França”). Em 1924, o município de Paris nomeou Place du Cardinal Amette a estrada que circunda a futura igreja e desenvolveu a Place Dupleix no terreno baldio - um campo de manobra para cavaleiros em frente ao quartel Dupleix : uma bela clareira destaca a igreja e facilita a celebração de cerimónias exteriores, o que era raro nas igrejas da época, a administração municipal, secular e radical, raramente favorecendo a visibilidade dos edifícios religiosos.

1º pedra : 15 de outubro de 1924; 1º missa : 15 de outubro de 1925.

A freguesia foi fundada em 29 de outubro de 1926.

ARQUITETURA

Nave (1924-26) com 16 m de largura, em betão, corredores laterais em comunicação aberta com nave e coro graças à leveza de finos pilares de betão (com cerâmica), coro com alta cúpula quadrada terminando em copa, com bonitas janelas que proporcionam iluminação superior , abside (1929) no fundo do forno, fachada (1932) com portas em estilo art déco. O concreto, mais barato que a pedra, permite formas arrojadas e leves (abóbadas altas e largas, finas, aberturas para vitrais).

A torre sineira (1932-33), sinal bem visível (apesar da vizinha Torre Eiffel), com o seu galo de 54 m de altura, assume a forma original e pura de um meio-fuso curvo de 8 lados.

Émile Brunet foi para Amsterdã estudar as formas e usos do tijolo aparente, lá muito cedo (Escola de Arquitetura de Amsterdã com Hendrik Petrus Berlage e Michel de Klerk).
Lá ele descobriu um edifício original, Het Schip (pronuncia-se "hète sréïpe"! "O Navio"), uma habitação coletiva de trabalhadores projetada por **Michel de Klerk** por volta de 1916-1917 e cuja torre, um alto sinal de tijolo de cinco lados, ergue-se inspirado quer por um pináculo semelhante que decora um hotel em Copenhaga, visto, admirado e desenhado por de Klerk, quer por uma "stupa" budista, um mausoléu birmanês ou indonésio (das Índias Holandesas) revisitado no estilo "art-déco"; o pináculo de De Klerk inspirará, por sua vez, a torre sineira de Saint-Léon... Forma de meio fuso, cristianizada por uma cruz e um galo no topo e, na base, pelos símbolos dos quatro evangelistas e no interior, por cinco sinos Paccard abençoados em 22 de janeiro de 1933, "batismo" completado por 3.500 sacos de amêndoas açucaradas distribuídos às crianças. A construção, financiada por doações, missões e "Dias da Amizade" organizados desde 1926, foi concluída por volta de 1935. A maior parte da decoração ficou por realizar enquanto a França e os doadores eram atingidos pela crise de 29, depois pelos rigores do Ocupação.

DECORAÇÃO

O grande mérito de **Émile Brunet** é ter harmonizado decoração e arquitetura, um pouco como era praticado pela Escola de Arquitetura de Amsterdã em torno de **De Klerk**, para formas e cores, e ter escolhido os decoradores entre os mestres reconhecidos no que tem sido chamado de estilo art déco desde 1925 (**Raymond Subes**, ferragens; **Louis Barillet**, vitrais principais; **Auguste Labouret**, mosaicos e vitrais laterais da nave; **Henri Bouchard**, escultura). Ele projetou alguns elementos, bem combinados com o resto : lustres em ferro martelado, cobre e vidro de catedral, altar em mármore de Siena, púlpito em mármore e ferro martelado (retirado após o Vaticano II), cadeiras do coro e confessionários em madeira clara, pias batismais e tanque coberto com cerâmica. Grande homogeneidade de estilo.

O TIJOLO

Material de revestimento comum nas igrejas parisienses do primeiro terço do século XXe, como Saint-Jean de Montmartre, Saint-Christophe de Javel, Sainte-Odile, Saint-Antoine de Padoue : em Saint-Léon, variedade de cores bem harmonizadas (especialmente tijolo Caen, amarelo claro, sílico-calcário, interior e exterior, alternando com tijolo laranja de Dizy e tijolo rosa para as abóbadas), conjunto de azulejos dourados ou azuis, combinação de tijolo em cestaria (nave), jogo de ondulações (bancadas do coro), tom louro: vemos aqui toda a contribuição recebida pelo arquiteto em sua viagem à terra do tijolo, a Holanda.

OS MOSAICOS

De **Auguste Labouret** (1871-1964), conhecido pelos mosaicos e vitrais em obras civis (estação Saint-Quentin, banheiro real no Quai d'Orsay para receber Georges VI...) e obras religiosas (Saint-Ferdinand des Ternes , basílica de Sainte-Anne de Beaupré em Quebec, altar-mor de Sainte-Odile). Os mosaicos estão em voga desde a decoração interior do Sacré-Cœur de Montmartre, a partir de 1901. Em Saint-Léon, primeiro os da fachada, com o Papa São Leão, anjos, motivos decorativos e simbólicos (1934-35). Mosaicos interiores de 1941 (feitos pela equipe de Labouret, ele próprio ocupado principalmente em Quebec).

Cenas didáticas marianas no fundo da abside - capela da Virgem - (Evangelistas, Coroação da Virgem com reflexos dourados, Natividade, Encontro no Gólgota). Os apóstolos acima das portas. Cenas narrativas da vida de São Leão para o arco triunfal na entrada do coro, incluindo a prisão do Papa Átila em Mântua em 452, escudos dos hunos evocando - cor, forma - os emblemas da Alemanha nazista, a suástica; a este respeito, falamos hoje do Herodes com as feições de Hitler na igreja paroquial de Montgeron num vitral inaugurado em julho de 1941, falemos também do funcionário eleito com as feições de Pétain à direita de Cristo do Juízo Final no vitral de Louis Barillet, nosso, de 1941 ou 42, na igreja de Saint-Antoine de Padoue, Paris XIVe

FERRAGENS

Por **Raymond Subes** (1891-1970), o maior especialista em ferragens artísticas (móveis, balaústres e balaustradas de grandes hotéis - Lutétia -, transatlânticos - o Normandie, câmaras municipais, etc.) ; combina ferro martelado e cobre. As barreiras dos altares (com espigas de trigo e cachos de uvas) e ambos (com símbolos dos evangelistas, feitos de folhas de cobre cortadas) são assim transparentes e facilitam a visibilidade do santuário. Ferros também nas portas dos confessionários, nos lustres (parcialmente faltantes), nos guarda-corpos das arquibancadas (com anjos musicais). Problemas em 1940-44 : grave escassez de metal e cobre para uso controlado porque foi requisitado por Vichy para armar os alemães. O padre muitas vezes tem que esconder as obras, ou mais frequentemente alegá-las como antigas, uma mentira branca, depois de as ter deixado alguns meses no exterior, no pátio da Casa de Obras, expostas às intempéries, um pouco de verdete- colori.

OS VITRAIS

De **Louis Barillet** (1880-1948) de 1928. O artista já havia decorado as villas de Robert Mallet-Stevens, o pavilhão da cidade de Paris na exposição de 1925 e a villa Noailles. Cristão, pertence à associação (católica) dos Artesãos do altar, mas trabalha mais para ordens civis. Ele é um dos mestres vidreiros que renovaram a arte dos vitrais nas décadas de 1920 e 1930. Cria vitrais em “vidro branco americano”, com relevos variados, vidros de pequeno formato. Belíssima série de dez conjuntos de três vitrais das naves laterais, nas cores branco, amarelo e azul, com duas figuras (São Paulo e São João) e motivos geométricos acompanhados de símbolos dos sacramentos (corredor esquerdo), símbolos inspirados nos Evangelhos e instrumentos da Paixão (à direita). Três estreitos vitrais (lancetas) na capela da Virgem, neo-medievais em vermelho e azul (Mistérios do Rosário), mal condizentes com os mosaicos e os tons dominantes da igreja (objetivo : esconder os raios do sol da manhã). Os altos vitrais da nave são da oficina (não da mão) de **Auguste Labouret**; Realizadas durante a Ocupação (escassez de material de qualidade e fontes de financiamento), representam santos franceses (patriotismo e nostalgia dos ocupados), mas não possuem a qualidade artística das de Louis Barillet.

A ESTATUÁRIA

Em particular por **Henri Bouchard** (1875-1960), Prix de Rome que participou na Exposição de Artes Decorativas de 1925 ; é o autor da Virgem com o Menino, numa mandorla, colocada no beco sem saída da abside em 1931. Realizou nomeadamente o frontão esculpido de Saint-Pierre de Chaillot (1932-35) e o sete- Apollo de um metro de altura na esplanada dos Direitos Humanos no Trocadéro (Exposição Universal de 1937) antes de aceitar várias responsabilidades sob a Ocupação. Em 1937, a freguesia encomendou a Via Sacra (segundo modelo já realizado noutras localidades, em diversos formatos e materiais), em calcário Quilly ; esculpido diretamente nos capitéis dos corredores laterais, é muito estilizado e puro, centrado nos rostos e nas mãos, mas pouco iluminado.

Este escultor comprometeu-se pela sua participação no Congresso de Weimar organizado em outubro de novembro de 1941 para a atenção de artistas e escritores colaboracionistas (Drieu La Rochelle, Brasillach, Abel Bonnard, etc.) por Goebbels de Abetz, e pelas suas declarações favoráveis ao nazismo. regime publicado após o regresso. No entanto, a "Piscine" de Roubaix, museu de escultura "art déco", acolheu e está actualmente a reconstituir o seu atelier com mais de mil maquetes em gesso das suas obras para abertura ao público a partir de 2014 ou 2015, reabilitação puramente artística de uma oficina completa dos anos "art déco".

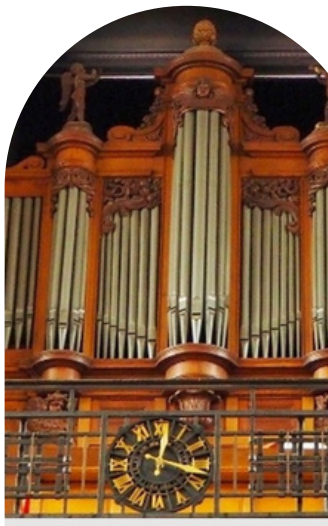
Outras estátuas da igreja de Saint-Léon foram adquiridas aos poucos, graças a doações e também, de 1940 a 1944, a subsídios do Estado francês de Vichy (administração de Belas Artes, em derrogação da lei de Separação entre Igrejas e Estado de 1905 ; colhamos o dom apesar da sua origem) : Cristo do Sagrado Coração, São José e o Menino Jesus, Nossa Senhora de Lourdes, Santa Teresinha do Menino Jesus, Santo António de Pádua. Todas estas estátuas, de Bouchard ou de escultores pouco ou menos conhecidos, apresentam uma bela unidade de estilo, no espírito art déco de estilização rigorosa e rigidez de formas.

MÓVEIS DE MADEIRA

Em carvalho louro maciço; o arquiteto **Émile Brunet** projetou alguns deles, de forma a homogeneizar o conjunto : cadeiras presbiterais, bancos e confessionários.

Paul CROIX-MARIE (1875-1973), escultor de madeira, especializado em mobiliário de igreja. Trabalhou no início do século XX e com um grupo de outros artistas, os "Artisans de l'Altel", composto por Paul Tournon, arquitecto, Gabriel Dufrasne, escultor, Jacques Le Chevalier, vidreiro e mosaicista. Devemos-lhe os confessionários, os assentos e as cadeiras do coro, o altar de madeira da capela da Virgem e vários crucifixos.

OS ÓRGÃOS



Foram adquiridos em segunda mão na Dôle ao diretor da empresa Cavallié-Coll (mas não são órgãos do grande fabricante Cavaillé-Coll) ; não seguem o estilo art déco do resto da igreja e também escondem um interessante vitral geométrico de Louis Barillet. Esta é uma das "falhas" de gosto, um dos raros defeitos de harmonização do edifício, que se destaca também pela sua unidade estilística, quer apreciemos ou não o estilo escolhido pelo arquitecto.

Em suma, um monumento cujo interesse reside primeiro na sua perfeita funcionalidade, na sua adaptação às assembleias acolhedoras de fiéis, depois na sua grande unidade estilística, no estilo da sua época que, de facto, não envelheceu, o " estilo art déco".

Bernard Richard pela recepção de Saint-Léon, segundo A igreja de Saint-Léon, sua construção e seus arranjos por **Françoise Hamon**, Le Lien, edição especial de março de 2000 (informações essenciais); História da construção de Saint-Léon pelo Cônego **Louis Maury**, pároco de Saint-Léon de 1929 a 1963, autopublicado, 1960 Igrejas parisienses do século XX, dir. de **Simon Texier**, Ação artística da cidade de Paris, 1996.

SAINT LEON

PAROISSE